

ADRIANO CORREIA DE OLIVEIRA

Onde eu estiver
quero ser eu

Memória de Adriano

José Carlos Ary dos Santos

Nas tuas mãos tomaste uma guitarra
Copo de vinho de alegria são
Sangria de suor e cigarra
Que à noite canta a festa da manhã

Foste sempre o cantar que não se agarra
O que à Terra chamou amante e irmã
Mas também o português que investe e marra
Voz de alaúde e rosto de maçã

O teu coração de ouro veio do Douro
num barco de vindimas de cantigas
tão generoso como a liberdade.

Resta de ti a ilha de um Tesouro
A jóia com as pedras mais antigas.
Não é saudade, não! É amizade.



Adriano Correia de Oliveira nasce no Porto, em 1942.

Os pais mudam-se para Avintes, para a Quinta das Porcas, na margem esquerda do Rio Douro, que será sempre para Adriano o centro do mundo de todos os lugares do mundo por onde andou.

Sempre que podia ia para a varanda da Quinta das Porcas ver o rio, nadar, remar, pescar. Com ele os amigos, os muitos amigos de amizades que sabia construir como ninguém.

Em Avintes, frequenta a escola primária e, com o liceu feito no Porto no início de cursar Direito em Coimbra, funda com outros jovens estudantes, a União Académica de Avintes que começou a ser muito conhecida pelas actividades culturais e desportivas.

Adriano era muito activo na música. O conjunto musical da União Académica ensaiava na Quinta das Porcas. No desporto, era um excelente praticante de voleibol, mesmo falhando quase todos os treinos.

Adriano, nunca deixou de tocar com esse grupo, mesmo quando já era nome conhecido na canção nacional que se estava a renovar.



Quinta das Porcas

*«Este é o sítio
mais bonito
do mundo»*

Adriano com elementos
da União Académica de Avintes



Em Coimbra, inicia os estudos universitários, inscreve-se na secção de voleibol da Académica e ocupa o lugar de primeiro tenor no Orfeão Académico de Coimbra. A sua voz ímpar distingue-se pelo timbre e pela clareza.

À sua volta, Portugal está sob o peso da ditadura fascista, e a resistência democrática dá e sofre vários golpes. São as lutas estudantis contra o decreto-lei 40900, é o I Congresso Republicano, são as lutas camponesas e operárias.

Adriano, sempre activo e solidário, opta pela via da resistência consequente.

Em 1960, inscreve-se no Partido Comunista Português. Meses antes, uma dezena de presos políticos, entre os quais Álvaro Cunhal, evadira-se do Forte de Peniche.

A sua intervenção cultural é cada vez mais activa. Faz teatro no CITAC, escreve para os Cadernos Culturais.

Publica o primeiro disco com quatro fados de Coimbra.



*Fiz uma cova na areia
Para enterrar a minha mágoa
Entrou por ela o mar todo
Não encheu a cova de água*

1961/1962 são anos de brasa. Há greves operárias e camponesas de norte a sul do país. O 1.º de Maio de 1962 é a maior comemoração de sempre, em Portugal, do Dia do Trabalhador. A União Indiana liberta e recupera Goa. Começa a Guerra Colonial. Há uma tentativa de assalto ao quartel de Beja. José Dias Coelho é assassinado pela Pide. Ocorre a espectacular fuga de Caxias. Em Lisboa, na sequência da proibição, pelo governo fascista, da comemoração do Dia do Estudante, intensificam-se as lutas estudantis, dando início a uma prolongada greve que alastra às outras academias. Mais de 1500 estudantes são presos.

Adriano, então a viver e a estudar em Lisboa, regressa a Coimbra e está presente em todas as lutas académicas. Não deixa de cantar, fazendo o canto participar na luta.



Serenata na Associação Académica de Coimbra.
Adriano acompanhado por
António Portugal, Rui Pato e Octávio Sérgio

«Inicialmente colhi grande entusiasmo dos espectáculos estudantis. Os estudantes efectivamente embandeiravam em arco com as actuações. Correspondiam com receptividade. Parecia-me a mim receptividade, porque vi que em muitos casos a possível acção do que cantava junto das pessoas não era correspondida depois na prática. As pessoas iam facilmente aplaudir coisas gravíssimas e sérias que eram as palavras das canções que cantávamos. Iam aplaudí-las. Seria lícito pensar que no dia seguinte iam actuar, por exemplo, até associativamente em correspondência com isso. Mas não. É neste ponto que há o tal desvio da função das coisas. Mas não por culpa nossa. Nós temos que fazer sempre as coisas exactamente da mesma maneira.»



*Eu sou livre como as aves
E passo a vida a cantar
Coração que nasceu livre
Não se pode acorrentar*

Em 1963, Adriano está em Coimbra a viver na República Rás-Te-Parta onde funcionará a sede da candidatura democrática às eleições da Associação Académica. Grava um disco emblemático: «Trova do Vento que Passa», poema de Manuel Alegre e música de António Portugal.

A Guerra Colonial alarga-se a outras colónias. Em 1964 Álvaro Cunhal escreve o «Rumo à Vitória», que viria a ter uma importância determinante na intensificação da luta contra o fascismo e rumo ao 25 de Abril. O general Humberto Delgado é assassinado pela PIDE.

Luandino Vieira, com o romance «Luuanda», ganha o prémio da Sociedade Portuguesa de Autores que na sequência é assaltada e fechada pela Pide.

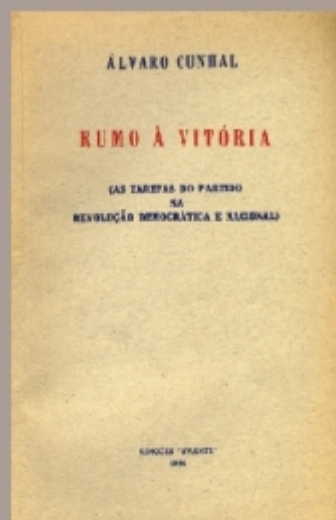
Ainda não foi cantada em verso mas, para ele, Adriano, a canção já é uma arma.



República Rás-Te-Parta



Recepção na Faculdade de Medicina de Lisboa ao Calcoir. Primeira vez que Adriano canta a «Trova do Vento que Passa» em público. Da direita para a esquerda: Rui Pato, Zeca Afonso, Adriano, António Portugal e Manuel Alegre



*Mas há sempre uma candeia
Dentro da própria desgraça
Há sempre alguém que semeia
Canções no vento que passa*

*Mesmo no tempo mais triste
Em tempo de servidão
Há sempre alguém que resiste
Há sempre alguém que diz não*

Entre 1966 e 1968, Adriano Correia de Oliveira volta para Lisboa. Casa, é incorporado na tropa, nasce uma filha, continua a cantar e a lutar politicamente num país sempre em sobressalto que subitamente, vê o ditador cair da cadeira e ficar inutilizado, sendo substituído por outro ditador que simula abrir uma janela enquanto verifica se as portas continuam todas trancadas. Adriano canta, solidário com todas as lutas dos estudantes e dos operários. Publica o disco «Adriano Correia de Oliveira» que é distinguido com o «Prémio Pozal Henriques», a maior distinção da música «ligeira» em Portugal.

«Para mim, a distinção não foi individual. Considero que representa o reconhecimento de determinados processos dum tentativa de renovação da música popular actual. Por isso chamei ao palco todos os que colaboraram quer nas músicas quer nas letras que nesse disco interpreto. A minha intenção seria chamar, se pudesse, todos os que neste momento colaboraram na renovação da música portuguesa. O prémio é para mim dedicado a todos eles.»



*Ó Alentejo dos pobres
Reino da desolação
Não sirvas quem te despreza
É tua a tua nação*

*A Foice dos teus ceifeiros
Trago no peito gravada
Ó minha terra morena
Como bandeira sonhada*



De 1969 a 1973 vivem-se anos históricos na canção de intervenção.

São vários os discos então surgidos que irão marcar impressivamente a canção portuguesa. O primeiro disco LP é de Adriano: «O Canto e as Armas».

É pela mão de Adriano que muitos novos cantores e músicos surgem. Acontecimentos musicais determinantes para o futuro, todos com a marca de luta antifascista, sucedem-se. A televisão cobre em directo um espectáculo de fados e baladas de estudantes de Coimbra, a propósito da Queima das Fitas. De súbito uma voz admirável eleva-se para cantar a «Trova do Amor Lusíada» e «Trova do Vento que Passa». É a voz de Adriano que, com a coragem que o acompanhou durante toda a vida, não deixa fugir a oportunidade de enfrentar o poder. É um escândalo. A emissão é interrompida. Em Março de 1974, no Coliseu de Lisboa dá-se o I Primeiro Encontro da Canção Portuguesa. Participam Barata Moura, Vitorino, José Jorge Letria, Fausto, Manuel Freire, Zeca Afonso e Adriano. Um espectáculo memorável rigorosamente vigiado pela Pide, enquanto lá fora o fascismo não para de apodrecer e abanar com as lutas que irrompem por todo o país.



«A canção pode não ter uma influência decisiva, mas é complementar; e interessa que a arte, seja qual for, reflecta exactamente aquilo que se está a passar em cada sociedade. Se não, não é útil e falha substancialmente. Não corresponde à sua função.»



*Eram homens e homens vestidos de vento
Camponeses e tambores e uma espada a escrever
Com teu sangue em teu chão em nome português
Era Lisboa revoltada e a tempestade
Em Mil trezentos e Oitenta e Três:
Portugal a formar-se e a liberdade
escrita em seu nome com punhais de vento*



25 de Abril!

A Revolução dos Cravos. A canção salta para a rua e Adriano está na primeira linha. É um dos fundadores do Colectivo de Acção Cultural, participa no I Festival da Canção Portuguesa no Coliseu dos Recreios e no I Festival da Canção Livre. Anda pelo país fora levando a mensagem do seu partido, o Partido Comunista Português, com a sua voz inconfundível. Vai aos lugares mais longínquos onde quase ninguém ousa ir. Grava o disco «Que nunca mais» que lhe vale o título de Artista do Ano da revista inglesa «Music Week».



Adriano no Comício do PCP
no Campo Pequeno em Lisboa,
29 de Junho de 1974



«Ao querermos intervir em determinada luta com uma canção que a possa reflectir, isso pode significar substituir o factor dominante que é a luta política e não a traduzir em termos exactos. A canção pode perfeitamente apreender o sentido dessa luta, mas também pode acontecer o problema de a exprimirmos ideologicamente e até factualmente de uma forma errada. O caminho que essa luta deve seguir deve ser definido pela classe operária, pelos trabalhadores e não por nós: poderia haver o risco de estarmos a cair numa situação falsa e de induzirmos as outras pessoas em erro.»

*Tejo que levas as águas (...)
Lava bancos empresas
Dos comedores de dinheiro
Que dos salários de tristeza
Arrecadam lucro inteiro*

*Lava palácios vivendas
Casebres bairros da lata
Lava negócios e rendas
Que uns farta a outros mata*

Em 1976 pertence ao Comité Organizador da 1ª Festa do «Avante!» onde participará sempre com imenso empenho. Continua a cantar por todo o país sempre com grande sentido de militância e companheirismo. A sua presença física, a sua afabilidade e a sua voz impõem-se mesmo em situações complicadas, muitas vezes conseguindo ultrapassar tentativas de boicote. Finalmente consegue realizar um velho sonho profissional: ser um dos fundadores de uma cooperativa artística «Cantarabril», de onde sairá em violenta controvérsia para entrar noutra colectivo de artistas, a «Era Nova» com muitos dos seus primeiros companheiros de andanças musicais.



Adriano na 1.ª Festa do «Avante!»
Lisboa, FIL, 1976



Adriano na 1.ª Festa do «Avante!»
com Carlos do Carmo



Festa do «Avante!» 1978. Da esquerda para a direita: João Gil, Adriano, Fausto e Luis Represas



*Pratico aquilo que digo na canção.
É uma condição fundamental.
O importante é que na vida haja
coerência absoluta. Os cantores têm
a obrigação de se comportar de acordo
com o que cantam, embora não mais
do que o indivíduo que ouve e adere
à canção. O objectivo é que a canção
pertença a todos. Eu, por exemplo,
no meu comportamento pessoal de vez
em quando falho. Com certeza que as
outras pessoas também. O que não
quer dizer que eu não me reprevo
quando isso acontece.
Onde eu estiver quero ser eu.*



*Se Vossa Excelência Senhor Presidente
viesses cá almoçar mais vezes
se cá viesse sem a comitiva
então veria o que é a nossa Vida
veria gente despedida
ameaçada e ofendida
por defender o pão das nossas bocas
por defender o pão dos nossos filhos*

Adriano cantou até ao fim da sua vida. Cantou sempre com voz firme as belas canções com que travejava a sua actividade de artista empenhado nas lutas do povo a que pertencia. Assim foi até ao último dia da sua vida em 16 de Outubro de 1982.

Em princípios de Setembro participou no Coliseu dos Recreios numa festa de solidariedade com os trabalhadores da Anop. No final do mesmo mês está em Mondim de Basto, a cantar numa escola, num encontro do Partido. Foi o seu último espectáculo.



Espectáculo «25 Canções de Abril» / Porto, Coliseu, Abril 1977



«A única luta pelo poder em que estou empenhado é a luta para que o povo português tome o poder e que nessa luta tenha um papel determinante a actividade do aparelho político organizado que é o PCP, a que pertencço.»



*Venho dizer-vos que não tenho medo
A verdade é mais forte que as algemas
Venho dizer-vos que não há segredo
Quando se traz a alma cheia de poemas*

*Pode ser numa ilha ou numa prisão
Em qualquer lado eu estou presente
Tomo o navio da canção
E vou direito ao coração de toda a gente*





Adriano Correia de Oliveira viveu intensamente, com imenso amor pela vida, construindo inúmeras e sólidas amizades, sempre ao lado do seu povo, sempre com o seu Partido. Fez sempre imensos projectos. Muitos concretizou, como a sua obra musical bem o evidencia. Outros, como um disco de músicas infantis, um dicionário de música de intervenção, nunca chegou a concretizar: os anos breves que viveu roubaram-lhe o tempo necessário. Nunca desistiu de colocar em prática as suas ideias mesmo até ao dia em que, brutalmente, foi ceifado da vida e da actividade criadora.

Adriano esteve desde cedo e até à morte com aqueles para quem a liberdade se concretiza em metas como a abolição da exploração pela mais-valia, a libertação da terra latifundiária, a realização pragmática, e até constitucional, das melhores virtualidades humanas, individuais e colectivas, e como autêntica autodeterminação nacional, na economia e na cultura. (...) Encontramos a mais íntima associação entre o amor, o companheirismo caloroso, a devoção pátria e a solidariedade com o povo explorado, a solidariedade com a mó de baixo, que é sempre a mais consequente denúncia em qualquer processo histórico.

Óscar Lopes